

## **A saga dos fogos florestais**

Todos os anos, de Julho a Setembro, a saga repete-se: o país parece que arde de Norte a Sul. Parece e bem, já que a área é assustadora: 97 000 hectares em 2001.

A atitude portuguesa típica é olhar para o problema e atirar todo o tipo de ditames. Mais do que olhar para o efeito, é sobretudo importante reflectir sobre aquilo que está na base dos aterradores incêndios.

Há, por um lado, a causa humana. Não me refiro aos pirómanos, mas sim ao deserto a que foi votado o interior do nosso país, através de políticas de ordenamento do território e de desenvolvimento profundamente desequilibradas. O abandono das terras permitiu o crescimento do mato, propício aos incêndios. Por outro lado, há hoje muito menos olhos a vigiar a floresta, a detectar os sinais de perigo. É como se a floresta estivesse abandonada. (A propósito: o corte do mato deve ser criterioso, já que reduz a erosão e contribui para a regeneração da floresta.)

Há ainda outra razão estruturante e que é, provavelmente, a determinante. Trata-se do tipo de floresta que temos. A área de eucalipto (uma espécie proveniente da Austrália) é hoje semelhante à do nosso sobreiro (espécie tipicamente mediterrânea). Se considerarmos que a densidade dos eucaliptais é muito superior à dos montados de sobreiro, a desproporção no número de árvores é imensa. Acontece que o eucalipto é uma espécie de crescimento rápido e muito combustível. A política florestal de incremento do eucalipto irá sempre alimentar a voracidade dos incêndios, ainda que o fogo seja um elemento integrante dos ecossistemas mediterrâneos – mas nunca com a frequência com que ocorrem em Portugal.

A estratégia de fundo que reduz os incêndios florestais baseia-se no fomento de uma floresta de usos múltiplos, composta por várias espécies, e gerida a pensar na sua manutenção a longo prazo.

Nuno Quental

Eng. do Ambiente

nquental@mail.esb.ucp.pt

19/7/2002